



KnoWhy #241



Novembro 03, 2017



Por que o livro de Éter é um épico?

"[...] onde fundiu minério do monte e fez espadas de aço para aqueles que havia levado consigo; e depois de os haver armado com espadas, retornou à cidade de Neor e atacou seu irmão Corior, tendo desta maneira conquistado o reino, que restituiu a seu pai, Quib".

Éter 7:9

O conhecimento

Em 1952, Hugh Nibley apontou que o livro de Éter tem muitas semelhanças com a poesia épica de todo o mundo.¹ As epopeias são poemas longos que vêm da tradição oral e falam de figuras heroicas ou da história de uma nação, e Nibley argumentou que o livro de Éter era originalmente uma epopeia.² A princípio isso pode parecer estranho, uma vez que, como um documento escrito, o Livro de Mórmon parece não ter nada a ver com épicos. No entanto, se

os jareditas fossem uma cultura predominantemente oral, suas narrativas fundamentais poderiam ter sido preservadas de maneira semelhante aos épicos encontrados na literatura antiga.

Em culturas em que a escrita não é comum, as histórias orais são criadas de forma a serem fáceis de lembrar. Isso naturalmente leva métodos parecidos para a criação de histórias orais em muitas culturas,

o que gera muitas semelhanças entre as histórias contadas por várias culturas, que Nibley percebeu também estarem presentes no livro Éter.³



No início dos anos 1930, Milman Parry foi ao sul da Europa para observar como as pessoas compunham poesias orais longas, semelhante aos épicos de que falava Nibley.⁴ Parry observou cantores em diferentes regiões e fez com que eles “recitassem” poemas orais. Ele encontrou algumas pessoas que disseram ser capazes de recitar algo “palavra por palavra” todas as vezes depois de ouvi-lo apenas uma vez. No entanto, quando Parry realmente os gravou recitando essas peças, ele descobriu que as histórias que eles recitavam eram um pouco diferentes a cada vez.⁵

Isso porque esses bardos, em vez de memorizar vários poemas na íntegra, memorizaram um certo número de frases e convenções que podiam modificar e recombinar à vontade, o que lhes permitia contar um número praticamente infinito de histórias sobre eventos históricos reais simplesmente mudando a forma como empregavam as convenções.⁶ Isso explica como um bardo pode ouvir a história uma vez e depois ser capaz de repeti-la de uma maneira muito semelhante a como foi contada. Ele não precisava memorizar a história inteira, bastava memorizar quais convenções haviam sido combinadas e como essas convenções haviam sido alteradas para corresponder a cada história.⁷

Evidências arqueológicas modernas sugerem que a escrita se espalhou pela Mesoamérica entre 900 e 500 a.C., o que significa que pode não ter havido uma história escrita dos reis jareditas até o final da era jaredita.⁸ Se isso estiver correto, significaria que Éter foi originalmente composto oralmente e só escrito mais tarde. Isso explicaria por que, como Nibley argumentou, o livro de Éter é semelhante a outros poemas épicos compostos oralmente: porque

o autor estava usando os tipos de convenções comuns em muitas culturas orais.⁹ Essas convenções teriam sido preservadas no texto quando Éter finalmente escreveu a história, mas o resumo de Morôni deixou o leitor moderno com apenas um vislumbre desse estilo oral.

O porquê



Inicialmente, pode-se supor que os épicos não sejam historicamente confiáveis. No entanto, Nibley ressaltou que eles geralmente pintam um quadro preciso do mundo que representam. Por exemplo, o livro de Éter retrata irmãos lutando por um reino (Éter 7:9), assim como outros épicos. É provável que essa seja uma ocorrência comum nos épicos porque era comum na história.¹⁰ Nibley também observou que Éter contém uma cena de um rei lutando contra outro rei até a morte. Novamente, esse provavelmente era um tema comum na história.¹¹ Como Nibley observou, “é [o mundo real] e não a imaginação do poeta que lhe dá seus personagens e imagens”.¹²

Assim como grande parte do restante do Livro de Mórmon, Éter é uma obra cuidadosamente elaborada, e também é historicamente confiável.¹³ Na era moderna, muitos pessoas presumem que uma

obra deve ser uma coisa ou outra. O Livro de Mórmon é um lembrete de que uma obra pode ser tanto um belo trabalho de literatura sagrada quanto uma descrição precisa de eventos. O Livro de Mórmon é uma bela criação literária que, como a Bíblia, pode falar profundamente ao leitor milhares de anos após sua composição, mas também descreve com precisão os eventos que apresenta.

Como os épicos têm essa característica, o leitor pode mergulhar no mundo antigo e ter um gostinho de como deve ter sido a vida dos nefitas ou dos jareditas. O Livro de Mórmon, como muitos textos antigos, é valioso como uma janela para o passado, mas como um texto divinamente inspirado, também ensina lições atemporais especificamente adaptadas aos tempos em que o leitor moderno vive.

Leitura Complementar

Daniel C. Peterson, "Ether, Book of", em Book of Mormon Reference Companion, ed. Dennis L. Largey (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2003), pp. 252-254.

David B. Honey, "Ecological Nomadism versus Epic Heroism in Ether: Nibley's Works on the Jaredites", Review of Books on the Book of Mormon 2, no. 1 (1990): pp. 143-163.

Hugh Nibley, Lehi in the Desert/The World of the Jaredites/There Were Jaredites, The Collected Works of Hugh Nibley: Volume 5 (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1988), pp. 285-423.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Nibley dedicou mais de 100 páginas para demonstrar esse ponto. Ver Hugh Nibley, Lehi in the Desert/The World of the Jaredites/There Were Jaredites, The Collected Works of Hugh Nibley: Volume 5 (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1988), pp. 285-423, p. 412 fornece um exemplo interessante.

2. Nibley, There Were Jaredites, pp. 405-408.

3. Walter J. Ong, Orality and Literacy: The Technologizing of the Word (New York, NY: Routledge, 1982), p. 137.

4. Obviamente, este trabalho foi feito há muitos anos, e alguns podem supor que foi feito há muito tempo para permanecer relevante, como foi feito na década de 1930. Mas o trabalho de Parry, assim como o de Albert Lord na década de 1960, provou ser definitivo no campo, como os estudiosos ainda se referem a eles hoje. Lord e Parry às vezes não apreciavam o uso de velhos padrões orais em culturas onde os textos escritos se tornaram a norma, mas, além dessa crítica, seu trabalho ainda é considerado definitivo hoje. Ver Patrick D. Miller, "The Performance of Oral Tradition in Ancient Israel", in Contextualizing Israel's Sacred Writings: Ancient Literacy, Orality, and Literary Production, ed. Brian Schmidt (Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2015), pp. 175-177. Você vê exemplos disso em todo o mundo. Ver Michael Wood, In Search of the Trojan War (New York, NY: Facts on File Publications, 1985), p. 123.

5. Albert B. Lord, The Singer of Tales (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1960), p. 28.

6. Isso poderia ter sido feito, em menor grau, no Velho Testamento. Ver David M. Gunn, The Story of King David: Genre and Interpretation, JSOTSup 6 (Sheffield, UK: Sheffield Academic, 1982), pp. 49, 60.

7. Lord, Singer of Tales, pp. 68, 71, 78-81.

8. Ver Stephen D. Houston, "Writing in Early Mesoamerica," en The First Writing: Script Invention as History and Process, ed. Stephen D. Houston (Nova York, NY: Cambridge University Press, 2004), p. 284. Ver também John Justeson, "Early Mesoamerican Writing Systems", en The Oxford Handbook of Mesoamerican Archaeology, ed. Deborah L. Nichols e Christopher A. Pool (New York, NY: Oxford University Press, 2012), pp. 830-831; Javier Urcid, "Scribal Traditions from Highland Mesoamerica (300-1000 AD)," en The Oxford Handbook of Mesoamerican Archaeology, p. 855.

9. "Épico" é usado vagamente aqui, porque muitos tipos de obras compostas oralmente têm elementos semelhantes aos épicos, mesmo que não sejam épicos. Ver David B. Honey, "Ecological Nomadism versus Epic Heroism in Ether: Nibley's Works on the Jaredites", Review of Books on the Book of Mormon 2, no. 1 (1990): p. 157.

10. Nibley, There Were Jaredites, p. 396.

11. Nibley, There Were Jaredites, p. 413.

12. Nibley, There Were Jaredites, pp. 286-287.

13. Acreditava-se que poemas épicos como Beowulf e A Ilíada não tinham base na realidade. No entanto, em muitos casos, evidências arqueológicas mostraram que histórias épicas como essas são relatos altamente estilizados de eventos reais. Ver Wood, In Search of the Trojan War, p. 156.